

Espaços educativos na perspectiva da educação integral

Iolene Mesquita Lobato

Graduada em Ciências Sociais, especialista em História Cultural e mestre em Antropologia Social pela UFG. Atualmente coordenadora de tutoria do Curso de Extensão em Educação Integral e Integrada CEPAE-UFG.

E-mail: iolenelobato@gmail.com

Mercês Pietsch Cunha Mendonça

Graduada em Ciências Biológicas, mestre em Biologia e doutora em Agronomia pela Universidade Federal de Goiás. Professora associada do CEPAE-UFG e coordenadora do Curso de Extensão em Educação Integral e Integrada CEPAE-UFG.

E-mail: mercesmendonca@yahoo.com.br

Carlla Barbosa de Morais

Graduada em Informática pela Universidade Estadual de Goiás, especialista em Metodologia do Ensino Fundamental pela UFG. Atualmente tutora presencial do Curso de Extensão em Educação Integral e Integrada CEPAE-UFG.

E-mail: cacarlla@hotmail.com

Resumo: A proposta deste artigo é discutir o potencial educacional dos espaços educativos. A investigação percorre o cotidiano das aulas de ciências e tem como instrumento a observação participante. A amostra da pesquisa é composta de 23 alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Tempo Integral, na cidade de Goiás. Os pressupostos teóricos que direcionam a investigação estão pautados nas concepções de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Jacqueline Moll entre outros. Como parte dos resultados, evidenciou-se que os espaços educativos, mais notadamente a nascente do rio Vermelho localizado na Serra Dourada, contribuem de forma significativa na formação integral de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: professores; educação básica; educação integral; espaços educativos; cidade de Goiás.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the educational spaces as possibility of learning. The investigation discusses the routine of science classes and has as instrument the participant observation. The audience is composed by twenty-three 6th grade elementary students from the State Full-time School in the city of Goiás. The theoretical assumptions that guide the research base on the conceptions of Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Jacqueline Moll and others. In the results, it became clear that the educational spaces – particularly the source of the Red River located at Serra Dourada – contribute significantly to the integral development of children and adolescents.

Keywords: teachers; basic education; integral; educational spaces; city of Goiás.

1. INTRODUÇÃO

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação¹.

A organização do trabalho pedagógico visa democratizar o processo ensino-aprendizagem e é relevante implementar formas metodológicas em que a proposta do diferente esteja inserida na prática pedagógica. É importante provocar a quebra da rotina, despertar para novas realidades, oportunizar a oralidade e, principalmente, motivar a curiosidade.

Freire² considera que a curiosidade é condição para a criatividade, ela é a “indagação inquietadora” que nos move no sentido de reconhecer o mundo que não fizemos e acrescentar a ele algo que podemos fazer.

Nesta perspectiva freireana, o trabalho do professor é instigar a curiosidade dos estudantes de modo a favorecer a capacidade crítica do aluno, sua insubmissão. O discente deve ser estimulado a produzir a compreensão do conteúdo, que sempre deve começar pela problematização, ou seja, por uma pergunta que pode ser bem-feita ou mal formulada, não importa, é baseada na curiosidade. Assim, o que deve ser trabalhado é a passagem da curiosidade espontânea e ingênua para a curiosidade científica. Isso só é feito com reflexão crítica sobre a prática.

Nesse viés, várias questões emergem, dentre elas, como os espaços educativos na cidade de Goiás, entendidos como “[...] um lugar onde diversos atores sociais compartilham vida comum”³, podem contribuir, na formação de crianças e adolescentes, instigando a curiosidade, favorecendo a compreensão do conteúdo, bem como estimulando a problematização e a reflexão sobre o mundo?

Assim, o presente estudo tem como objetivo discutir os espaços educativos como possibilidade de aprendizagem e instigar educadores da cidade de Goiás a vislumbrar nos espaços educativos da cidade possibilidades de práticas pedagógicas criativas contribuindo assim na formação integral de crianças e adolescentes. Assunto que será retomado mais adiante.

2. ALÉM DO GIZ

Uma aula ao ar livre, no pátio da escola, embaixo de árvores frondosas e com os alunos sentados no chão em círculo. A professora orientada pela perspectiva de que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção”⁴ fala da poluição ambiental. Em suas mãos, não havia giz e nem apagador, mas algumas garrafas *pets*, pedaços de papel sujo e sacolinhas plásticas de supermercado.

A surpresa é visível nos olhos dos 23 alunos do sexto ano do ensino fundamental; chovem perguntas e experiências pessoais.

1. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7.

2. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.

3. SANTOS, Milton. Da sociedade à paisagem: o significado do espaço do homem. In: SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004, p. 37.

4. FREIRE, Paulo, op. cit., p. 22.

Com tranquilidade, a professora escuta as histórias.

O tempo voa. A aula termina.

Ao longo da semana, todos queriam saber sobre as consequências do assoreamento dos rios na vida dos peixes, na mata ciliar e nos pequenos animais como as perdizes, as codornas, os tucanos e as ararinhas que passeiam por ali.

A professora amplia a discussão nas aulas seguintes discutindo as características endêmicas da vegetação da nossa região, o cerrado, e mostra a preocupação com os integrantes da lista de animais em extinção.

No aprofundamento dos assuntos, descobre-se que a paisagem mais drasticamente modificada é a cidade. Nela, o solo foi coberto pelo calçamento; morros e serras foram substituídos por pontes e represas; muitas ruas são arborizadas e há também parques, mas essa vegetação, como tudo o mais na cidade, foi planejada para atender apenas aos objetivos do homem. Conclui-se que a cidade de Goiás é, principalmente, um agrupamento de pessoas e não há interação de diversas populações. As comunidades biológicas comuns são definidas em termos das relações alimentares entre os organismos que as compõem, mas o homem desta cidade recebe seu alimento das mais diversas partes. A farinha de trigo que comemos, por exemplo, vem da região sul, o café, de Minas Gerais, sem contar os produtos que recebemos do exterior. Assim, para o homem, sua comunidade biológica estende-se a muitas regiões do mundo.

Depois de algumas aulas de campo vem a proposta de aula-caminhada – uma estratégia pedagógica que amplia as fronteiras da escola –, com visitas à nascente do rio Vermelho localizado na Serra Dourada, no município goiano. Os discentes aprovaram a possibilidade de visitar o lugar. Nesse momento, a educadora salientou que ali foi o primeiro lugar onde o ouro foi descoberto em Goiás e explicou as consequências da mineração para a vida de todos os seres vivos na região. Então, destacou a importância de nossos atos no meio ambiente, fato que pode promover a preservação de animais como o lobo-guará, paca, anta, nas áreas de reserva ambiental como o Parque do Carioca e a Cachoeira das Andorinhas e da recomposição da mata ciliar. Essa comunidade contém muitos organismos que, de uma ou outra forma, adaptaram-se às condições de vida urbana. O principal requisito para viver nessa comunidade é a capacidade de conviver com o homem. Alguns animais – cães, gatos, pombos – são deliberadamente cuidados por algumas pessoas; outros – ratos, baratas e grilos – dispensam qualquer estímulo. Quanto à vegetação, temos árvores e arbustos que toleram bem o solo revestido por calçamento e ar poluído; algumas ervas daninhas crescem nos terrenos baldios e mesmo nas fendas do calçamento.

A prática foi planejada a partir dos pressupostos do trabalho de Darcy Ribeiro⁵, que vislumbrava uma educação capaz de promover um salto de qualidade na educação fundamental. Sua proposta articulava uma profunda reformulação na escola, propiciando uma reflexão sobre sua organização, objetivos, métodos e inserção social. Articulava pelo regime de turno único, com linhas de ação nas áreas de instrução, saúde e cultura, que colaborariam na formação de uma

5. RIBEIRO, Darcy. O livro dos CIEPs. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

escola democrática, pedagógica e exercendo um papel social ampliado, trazendo desafios, buscando soluções e expectativa por novas alternativas à rotina escolar.

[...] no cotidiano dos CIEPs não é mais possível pensar em educação como um momento pré-fixado na vida de cada pessoa: é necessário admiti-la como um processo dinâmico que acompanha os indivíduos por toda a vida, sendo impossível concebê-la dissociada de seu contexto cultural. Educação e cultura se interpenetram para compor uma verdadeira simbiose: a cultura irriga e alimenta a educação que, por sua vez, é um excelente meio de transmissão de cultura⁶.

Assim, o modelo escolar concebido por este educador:

[...] teve em vista adequar a escola às exigências da complexa sociedade industrial e tecnológica em que se insere, a fim de dotar o indivíduo de condições de integrar-se criticamente à sociedade, tornando-o apto a participar das atividades correntes e preparando-o para viver como cidadão no Estado democrático moderno⁷.

Nessa perspectiva, o modelo educacional proposto por este pesquisador visava integrar a população, sobretudo a mais carente, no contexto da sociedade moderna. A escola neste âmbito deveria oferecer à criança oportunidades que perpassam pelos estudos, recreação, jogos e vida social. Essa concepção de educação está centrada na formação integral da criança, criando uma nova forma de se ensinar que leva em conta realidade social, o desempenho particular de cada educando e suas habilidades.

Em sua constante luta, Anísio Teixeira expõe em suas obras, a educação que defendia e almejava que oferecessem às crianças:

[...] programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física [...] saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive⁸.

Uma proposta que contemple uma formação integral.

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente⁹.

O conceito de educação integral remete a uma educação que seja capaz de atuar nas áreas da “cultura, dos esportes, da arte, ultrapassando a atuação restrita à típica instrução escolar”¹⁰. Isso significa que educação integral envolve várias dimensões da formação do sujeito (cognitiva, afetiva, cultural, social, ética, política).

Mas como promover uma educação que contemple essas dimensões e seja capaz de formar integralmente o sujeito? Responder a esta questão não é a proposta deste trabalho, todavia, podemos assinalar possíveis caminhos que nos ajudam a direcionar e refletir acerca da proposta da educação integral.

6. Idem, p. 133.

7. PEREIRA, Eva Waisros. Anísio Teixeira e a experiência de educação integral em Brasília. *Revista Pedagógica Pátio*, Rio de Janeiro, n. 51, ago./out. 2009, p. 42.

8. TEIXEIRA, Anísio. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, jan./mar. 1959, p. 79.

9. FREIRE, Paulo, op. cit., p. 39.

10. GABRIEL, Carmen Teresa; CAVALIERE, Ana Maria. Educação integral e currículo integrado: quando dois conceitos se articulam em um programa. In: MOLL, Jacqueline (org.). *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 280.

A escola, o aluno e o educador mudaram ao longo dos anos. A instituição escolar atualmente vem assumindo responsabilidades e compromissos educacionais bem amplos, além da sua função educativa a ela foi delegada “sozinha” formar cidadão, impor limites e resgatar valores. O discente não é mais passivo em relação às informações que lhe são transmitidas, seja aquela oriunda da instituição escolar ou aquelas emitidas pelos meios de comunicação; e o professor tem buscado propostas diferenciadas para dinamizar sua prática pedagógica em sala de aula. Todavia, há certa resistência pela comunidade escolar (aluno, professores, pais) a vislumbrarem a cidade como um local, um espaço que também educa. Se a escola não direcionar e (res)significar os espaços escolares nada adiantará esticar a corda do tempo, nada adiantará ampliar a jornada escolar, pois os muros da instituição são limitados, não exalam o aroma que a cidade pode oferecer.

Nesse sentido, a cidade precisa ser compreendida

[...] como território vivo, permanentemente concebido, reconcebido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar, a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida¹¹.

A escola deve considerar essa aproximação e olhar para cidade, não apenas focalizando o perigo, a violência, mas considerando seus espaços educativos, dentre eles, o clube, o museu, a praça da cidade, o museu etc.

Pensando nessa aproximação e nesse diálogo entre escola e cidade, vislumbramos que a cidade de Goiás é uma cidade ímpar, pois é um centro turístico internacional e permite uma viagem no tempo, ao Brasil colonial, contada pelos antigos casarões, pelos artistas locais, como Cora Coralina, pela culinária típica, como a confecção e a distribuição de doces em momentos folclóricos como na Procissão do Fogaréu, por eventos reconhecidos internacionalmente como o Festival Internacional de Cinema Ambiental (Fica), além da rica gastronomia regional. Cidade onde habitava a nação indígena goiá e onde Bartolomeu Bueno da Silva fundou, em 1727, o Arraial de Sant’Anna.

Assim, o diálogo pedagógico pode estabelecer um novo começo na relação cotidiana de quem ensina e daqueles que aprendem e a escola pode encabeçar o papel de construir as competências necessárias¹², onde as situações de aprendizagem podem extrapolar os espaços de sala de aula e oferecer um leque de oportunidades educativas. A cidade tem personalidade própria, integrada no coração da região centro-oeste do país, que propicia a liberdade de expressão, a diversidade cultural e o diálogo em condições de igualdade, pois convive com o novo, o inusitado, trocando, compartilhando e enriquecendo a vida dos habitantes.

Da mesma forma, a reinvenção dos espaços a cada processo de mudança, na economia, nas relações sociais e na política altera a paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade¹³.

11. MOLL, Jaqueline. Um paradigma contemporâneo para a educação integral. *Revista Pedagógica Pátio*, Porto Alegre, Artmed, n. 51, ago./out. 2009, p. 15.

12. PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

13. SANTOS, Milton, op. cit., 2004.

A cidade, no contexto, torna-se espaço pedagógico a favor do conhecimento.

[...] a compreensão da cidade como uma grande rede ou malha de espaços pedagógicos formais (escolas, creches, faculdades, universidades, institutos) e informais (teatros, praças, museus, bibliotecas, meios de comunicação, repartições públicas, igrejas, além do trânsito, do ônibus, da rua) que, pela intencionalidade das ações desenvolvidas, pode converter a cidade em território educativo, pode fazer da cidade uma pedagogia¹⁴.

Alinhando e tornando a cidade histórica numa cidade educadora, lançando novos olhares para novos espaços que podem se destinar à aprendizagem e que se alinham entre si e com a cultura. Movidos pela resignificação das relações entre aprendizagem, saberes e culturas, numa relação de integração e de complementaridade. Jaqueline Moll aponta que:

[...] a possibilidade da conversão do território urbano em espaço educador pressupõe uma intencionalidade pedagógica presente nas ações desencadeadas pelos diferentes atores que vivem a cidade e esta pressupõe explicitação/diálogo acerca do projeto educativo presente nessas ações¹⁵.

Construir uma identidade coletiva de um grupo de pessoas nesse modelo de educação é valorizar a pluralidade de saberes e reconhecer as diversas expressões do conhecimento marcado em um mundo contemporâneo, favorecendo a construção de um projeto democrático, difundindo saberes, espaços e recursos, num vislumbre de diferentes espaços sociais da cidade

A categoria espaço assume “contorno de território e ganha amplitude na medida em que acena para o cenário da política pública intersetorial, da complexidade social de estratégias integradas da educação”¹⁶. Isso significa que este espaço é de aprendizagem “sem limites, sem cercas, um espaço envolvente de sociabilidade, de pertencimento, de expansão humana, de intencionalidades, de partilha de vida”¹⁷.

Retomando a experiência realizada pela professora da escola municipal apresentada no início deste trabalho, percebemos que antes de pôr em prática a ideia, a docente estudou as melhores estratégias de trabalho. Nesse ponto, esbarrou no primeiro obstáculo. Não tinha acesso a referências bibliográficas da área. Para sanar a questão, pediu indicações de leitura a colegas. Depois disso, entendeu que o ponto de partida deveria ser uma conversa em classe sobre os espaços de aprendizagem. Assim, ela pretendia abordar a percepção destes locais com base na perspectiva geral e enfatizar o papel de seus alunos como sujeitos dessa história. No planejamento, ela recorreu a textos fornecidos pelo Curso de Aperfeiçoamento de Educação Integral e Integrados na UFG, tais como, “A escola e a cidade”¹⁸ e a “Educação integral como arranjo educativo”¹⁹.

Outra estratégia pedagógica utilizada foi a explanação oral em classe sobre a história da educação integral no Brasil. A professora sugeriu que a turma contasse o que aprendeu no dia anterior e como aprendeu e em que local estava. Depois leu trechos sobre a concepção de educação integral e

14. MOLL, Jaqueline. A cidade educadora como possibilidade: apontamentos. In: CONZATTI, Marli; FLORES, Maria Luisa Rodrigues; TOLEDO, Lesli (orgs.). **Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre**. São Paulo: Cortez, 2004.

15. Idem, p. 43.

16. RABELO, Marta Klumb Oliveira. Educação integral como política pública: a sensível arte de (re) significar os tempos e os espaços esportivos. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012, pp. 124-125.

17. Idem, p. 125.

18. FACCIN, Delma Freo. A escola e a cidade. **Aperfeiçoamento em educação integral e integrada/Universidade Federal de Goiás**. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, Goiânia, Funape/Ciar, 2010.

19. MENDONÇA, Mercês P; CAMPOS, Kátia Oliveira. Educação integral como arranjo educativo. **Aperfeiçoamento em educação integral e integrada/Universidade Federal de Goiás**. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, Goiânia, Funape/Ciar, 2010.

seus principais defensores. Em seguida, propôs que os alunos anotassem informações sobre as observações vividas nestes dias, relacionando com outras experiências de atividades extraclasse. Todos compartilharam as informações coletadas. Depois, a professora pediu que pesquisassem locais onde seria possível ter aulas. A experiência resultou em um painel exposto no corredor central da escola.

A cada aula, os alunos estudavam assuntos relacionados ao conteúdo específico e relacionava-os com o melhor local para aquela aprendizagem. Na aula seguinte, faziam incursões nos locais escolhidos e apresentavam sugestões de aulas, como desenhos, esquemas, caricaturas etc.

Ao fim do trabalho, os alunos perceberam que qualquer local pode ser uma escola e uma sala de aula é muito mais do que um espaço delimitado por muros, pois o aprendizado não ocorre só nos bancos escolares, mas, também, no cotidiano em que todos compartilham ideias e saberes. A cidade dá ideia do lugar de vivência, de pertencimento, herdeiro da história dos objetos e pessoas que dão significado e se confundem com a história do lugar e de seus habitantes²⁰.

Assim, é possível observar que a professora explorou o espaço que a região oferece, lançando mão da natureza, do andar na cidade e pelo deslumbramento do encontro com o novo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de usar espaços da cidade como espaços educativos requer autonomia e participação de todos os envolvidos, característica nem sempre presente na estruturas das escolas mais tradicionais, por isso não basta que o docente se entusiasme; é necessário que todos façam adesão.

Como afirma Yus²¹, “é difícil educar em uma escola integral se ele próprio, o professor ou a professora, não pensa a educação de uma maneira global e não põe em questão sua própria formação distorcida”.

Isso significa que o professor deve capacitar-se e compreender a centralidade dinâmica da escola na comunidade e assim colocar em prática a ideia de educação global, fazendo com que a escola abra oportunidades para a sua própria mudança, transformando vidas e contribuindo para a formação integral de seus alunos.

Isso tudo quer dizer que é imperioso reforçar o papel dos espaços da comunidade no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao mundo e à vida, com ênfase no aprender a ser e no aprender a conviver.

A proposta destaca a importância da disposição para o diálogo e para a construção de um projeto político e pedagógico que contemple ações compartilhadas e intersetoriais na direção de uma educação integral²² e que promova a integração e a socialização de alunos e professores na preservação das tradições e do conhecimento popular.

20. MOREIRA, Marco A. A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: Editora da UnB, 2006.

21. YUS, Rafael. Um paradigma holístico para a educação. *Revista Pedagógica Pátio*. Porto Alegre, Artmed, n. 51, ago./out. 2009.

22. ARROYO, Miguel. O direito a tempos-espaços de um justo e digno viver. In: MOLL, Jaqueline (org.) *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FACCIN, Delma Freo. A escola e a cidade. **Aperfeiçoamento em educação integral e integrada/Universidade Federal de Goiás**. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, Goiânia, Funape/Ciar, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.
- GABRIEL, Carmen Teresa; CAVALIERE, Ana Maria. Educação integral e currículo integrado: quando dois conceitos se articulam em um programa. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- MENDONÇA, Mercês P; CAMPOS, Kátia Oliveira. Educação integral como arranjo educativo. **Aperfeiçoamento em educação integral e integrada/Universidade Federal de Goiás**. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, Goiânia, Funape/Ciar, 2010.
- MOLL, Jaqueline. A cidade educadora como possibilidade: apontamentos. In: CONZATTI, Marli; FLORES, Maria Luisa Rodrigues; TOLEDO, Lesli (orgs.). **Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Um paradigma contemporâneo para a educação integral. **Revista Pedagógica Pátio**, Porto Alegre, Artmed, n. 51, ago./out. 2009.
- MOREIRA, Marco A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora da UnB, 2006.
- PEREIRA, Eva Waisros. Anísio Teixeira e a experiência de educação integral em Brasília. **Revista Pedagógica Pátio**, Rio de Janeiro, n. 51, ago./out. 2009.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- RABELO, Marta Klumb Oliveira. Educação integral como política pública: a sensível arte de (re)significar os tempos e os espaços esportivos. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

SANTOS, Milton. Da sociedade à paisagem: o significado do espaço do homem. In: SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

TEIXEIRA, Anísio. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, jan./mar. 1959.

YUS, Rafael. Um paradigma holístico para a educação. **Revista Pedagógica Pátio**. Porto Alegre, Artmed, n. 51, ago./out. 2009.